

Rumo à Paixão

Alice Flor



Margarida havia embarcado naquele cruzeiro, em busca
de um grande amor.

O destino a fez conhecer dois homens.

Quais as surpresas que essa viagem reserva para essa
sonhadora mulher?

Capítulo I

Ela não era apenas bela. Exibia também o olhar mais profundo que ele já tinha visto. Estava encostada à balaustrada do barco, com um livro de capa cor de rosa nas mãos, e olhava para longe.

Guilherme estava a observando de longe, sem ser visto.

Havia embarcado nesse dia, há apenas duas horas. Era uma manhã de Primavera, lindíssima, luminosa. Guilherme, carregado com as suas malas, apressado, tinha entrado no cruzeiro esbaforido, correndo, com medo de perdê-lo. E ao chegar ao cais, ao longe, vê-a: a ela, de uma beleza primaveril, a figura da mulher que só nos sonhos existe. Ela acenava a um conjunto de mocinhas que se despediam dela.

Com um vestido comprido, azul claro, o cabelo louro ao vento, os olhos de um verde

profundo. Automaticamente, Guilherme sentiu-se ficar fixado, parado, sem poder olhar para nada mais senão para aquele rosto, colando os olhos e o seu pensamento ao daquela figura.

E agora, duas horas depois de terem partido, já em pleno mar, enquanto o vento passava pelos tripulantes daquele barco, saído de Lisboa e com destino à Grécia, ele estranhava, ao olhá-la, como uma mulher tão bela poderia ir sozinha.

Ainda mais numa viagem romântica como aquela, em que geralmente os casais se juntavam para desfrutarem o amor, para partilharem o sonho em conjunto. Quem seria ela? Porque iria sozinha? Seria mulher de algum oficial do barco? De alguém da tripulação? Guilherme ia pensando em tudo isto. Depois na sua cabeça formou-se a idéia de que ela era passageira do barco, e numa das paragens do cruzeiro o seu namorado ou

noivo ou marido apareceria.

"De certeza... Tão bonita!... tão bonita!... Não pode estar sozinha". Pensava isto, mas desejava o contrário. Mas sentia-se louco! Guilherme apenas chegava a uma conclusão: não deixava de pensar nela, em quem seria, e que o seu destino estaria inevitavelmente unido. "Estou doido, é uma estranha, é uma mulher que acabo de ver!...".

A paixão e a doença são irmãs gêmeas: atacam o ser humano de uma maneira brutal. Quem pode defender-se delas? Mas enquanto a paixão tem cura, o amor, esse, só pode ser sarado ficando-se completamente doente. Só caindo na paixão alguém pode curar-se do amor. O vento batia nos seus cabelos. Era uma manhã maravilhosa. Guilherme, comovido e com a cabeça a ferver com estes pensamentos quentes e vivos, sentou-se numa cadeira no convés.

O vento passava deliciosamente pelas

coisas. Ela continuava à sua frente. Os seus olhos não se haviam ainda cruzado. Ele não sabia o que iria sentir quando se olhassem, quando os seus olhos chocassem um no outro.

Mas preferia ficar assim a observá-la, à espera desse momento.

O vento fez-se sentir com mais força. O chapéu dela voou para o convés. Ele nem acreditava!

Levantou-se com uma rapidez de adolescente, aproveitou a ocasião, e agarrou o chapéu, que estava já praticamente perto dos seus pés. Ela voltou-se para apanhá-lo, e ele devolveu-lhe.

- Ah, obrigada!...

E Guilherme viu o que pensou que nunca na vida os seus olhos iriam contemplar: aqueles olhos, límpidos e puros como a primeira nascente de água, como o mais belo lugar do mundo, como o primeiro céu que a

Terra tivesse visto. Os seus olhos eram o mais profundo mar que alguma vez tinha visto na vida. Ficou nervoso, elétrico, sem saber o que dizer. Já havia ouvido falar no efeito de tempestade que o amor provoca, mas nunca sentiu um raio diretamente no coração, como o amor estava a fazer com ele.

- De nada...

Ficaram se encarando. Ele deitou os olhos ao chão (não conseguia olhá-la!) e perguntou:

- Não se estragou... O chapéu?...

- Não, de todo.

À segunda fala já poderiam apresentar-se, pensou.

- Permita que me apresente: chamo-me Guilherme... E você?...

- Margarida.

Estenderam as mãos. Os olhos também se tocaram. A mão dela era branca, delicada, mas forte. Parecia de alguém com uma profissão dura.

- Tenho muito prazer. Afinal, vamos estar juntos nos próximos dias... É sempre bom ter alguém conhecido...

- Ah, veio sozinho?... - perguntou ela, de uma forma que pareceu neutra, desinteressada.

- Sim, venho...

E Guilherme percebeu que ela começou a perguntar-se por que. Dentro da sua cabeça ela fez a mesma pergunta. Afinal, Guilherme era um rapaz de vinte e muitos anos bonito, solteiro, inteligente, e estava ali sozinho. Como podia ser isto?... Era estranho!... Havia decerto um mistério! Ela até poderia pensar que ele estaria doente... Sim, com uma grave doença, e que o cruzeiro seria uma forma de se despedir da vida...

- Não, não estou com nenhuma doença...

-Ah, mas quem disse isso?...

- Nem me curar de nada...

Ela sorriu.

- Digamos que nunca fiz um cruzeiro...

- E que estou à espera de tudo o que um cruzeiro possa oferecer-me: descanso, paisagens novas, sensações. E também distância para pensar na vida. E algo mais...

- Eu percebo-o. No fundo, procuramos todos os mesmo...

"O amor" pensou ele. E percebeu que ela também procurava o mesmo. Mas ela não olhou para ele. Margarida desviou os olhos para o mar, mas respondeu-lhe:

- E a Grécia é aquele lugar maravilhoso, onde tudo começou na origem dos tempos... Espero trazer de lá luz e beleza.

Ficaram ambos a olhar para o mar. O vento fazia brincadeiras em cima das ondas, mudava-as de posição, parecendo que dançavam umas com as outras. Já não se avistava terra, apenas o horizonte sem fim à frente.

- Beleza, isso, já estou a ter... Com o mar e

consigo. Ela sorriu meio envergonhada.

Era bela, bela como ele nunca tinha visto ninguém. E o barco tinha partido há apenas poucas horas, e uma travessia de amor havia já começado. Assim pensava Guilherme. Assim parecia ir acontecer. A travessia a bordo do cruzeiro Passion tinha apenas começado.

Capítulo II

Margarida havia entrado no navio horas antes. Ao chegar tinha-se dirigido à recepção, para saber qual seria a sua cabina. À entrada, estavam muitos marinheiros todos altos e fortes.

A Margarida parecia-lhe uma espécie de paraíso, cheio de homens extraordinariamente bonitos. Ela sentia uma sensualidade estranha, entre o cheiro daqueles corpos másculos, habituados ao mar e à solidão.

Mas ela reparou num marinheiro alto; de cabelo preto muito escuro, forte, com olhos cor de carvão. Parecia um príncipe castelhano, nobre e forte. Ela dirigiu-se a ele:

- Bom dia. Vinha levantar a minha chave... Tenho uma cabina marcada em nome de Margarida...

Ele interrompeu-a, com um sorriso nos

lábios, imediatamente:

- Sim... Margarida Zurique, não é?
Margarida concordou, espantada.

- Como sabe que sou eu?

- Palpite de marinheiro. Sabe, a nossa sensibilidade fica mais aguçada, no mar. Vemos aves à distância, terra mais longe, mas também beleza mais perto...

Ele era belo, educado, divertido. Um pouco bruto, mas divertido. Ela sorriu.

- E a minha cabina é...

- É a cabina... 141. Ao fundo, à esquerda...
Aqui tem a chave... Quer ajuda com a mala?

- Agradeço-lhe, mas não é preciso. Uma mulher que vive sozinha na cidade sabe tomar conta de si própria...

- Ah, não duvido!... Mas aqui está no mar, os perigos são outros...

- Os perigos são os mesmos... - disse ela, rindo-se. Ele achou o sorriso dela lindíssimo, quente, fascinante.

- Sim, mas há imensos monstros marinhos...

- Monstros marinhos? Acha que eu acredito numa coisa dessas?

- Bom, mas há piratas. E imagine o que acontece se os piratas assaltam o barco? Quem a defende?...

Ele estava mesmo a meter-se com ela. "Ele tem uma certa graça... Com aquele ar protetor... E aquelas covinhas no rosto.", pensou ela consigo própria.

- Agradeço-lhe, mas eu sei tomar conta de mim. Obrigada!

- Qualquer coisa, é só chamar-me.

- E, além disso, há muitas mulheres neste barco... Se for assim tão prestável com todas, não faz mais nada no barco... A não ser que seja salva-vidas.

- Sou o que for preciso...

- Bom: de toda a forma, muito obrigada!

Ela já ia a caminho, mas ele interrompeu-

a:

- O meu nome é Frederico.

Ela voltou-se e riu-se para ele.

- Obrigada...

- Às ordens!

Prosseguiu. Antes de dobrar a esquina para o lado esquerdo, sentiu ainda que o olhar dele continuava a incendiá-la.

Margarida lembrava-se disto tudo. Agora, sentada com Guilherme numa cadeira de napa frente ao mar, pensava em Frederico. Achava Guilherme um homem interior, interessante, profundo; mas Frederico era forte, belo, apetitoso. A cabeça de um e o corpo do outro. Que mulher não seria feliz tendo os dois? Frederico era o amante que qualquer mulher entre os 18 e os 40 anos escolheria; Guilherme o marido que qualquer mulher dos 40 aos 60 desejaria.

De repente, ficou triste. Estava a pensar em tudo isto, animada. Mas o seu interior,

ferido e magoado, voltava ao de cima.

Estava sozinha. Havia tomado o barco para pensar na vida, para se afastar. A sua separação do marido, após 10 anos de um casamento infeliz, estava ainda presente. Margarida tinha-se casado com dezoito anos. Por amor. Jorge, o marido, era um rapaz simples, um miúdo com vinte e três anos. Não fazia idéia do que era casar. Nunca olhou para Margarida com olhos de ver. Era uma coisa, uma espécie de eletrodoméstico para manter a casa em ordem, porta - moedas, a mais para ele poder gastar o ordenado em carros e bebida, e uma boneca insuflável para abusar sexualmente à noite. Era isto que ele pensava dela, sem dúvida. Mas Margarida demorou dez anos a percebê-lo. Quando o viu deitado na sua cama, com a vizinha (uma mulher de quarenta anos, feia, desarranjada, suja), sentiu cair à última gota de água. Deixou-o. Custa muito largar o amor

de toda a vida. Custa muito perceber que não serviu de nada, que não serviu para nada.

Mas tentar de novo, crescer, passar por cima das coisas, recomeçar, era isso que sentia intimamente. Era isso que ela iria fazer. Queria ver novos países, sentir emoções diferentes, perceber quem ela era e o que queria na vida. Estava com vinte e oito anos. Estava pronta para desfrutar a vida desde o início.

Capítulo III

A tarde chegava sobre o navio. Margarida ainda não estava habituada aos movimentos do barco. Por isso não tinha fome. Estava deitada na cama, a descansar. Pensava em Frederico. Deu por ela a pensar como seria tirar aquela camisola de marinheiro, tão justa, tão colada ao corpo... E pensava na noite de amanhã, no baile de abertura do cruzeiro...

Com quem iria jantar nessa noite? Decerto que Guilherme iria perguntar-lhe.

E Frederico?... Bom Frederico estava trabalhando. Não podia acompanhá-la, de certeza... E ela? Queria ir com ele? Ou com Guilherme com quem decerto iria ter uma noite romântica? "O Frederico vai querer logo levar-me para a cama... O Guilherme é um querido, vamos poder falar de outras coisas. .
".

Olhou para fora. Estavam ainda perto da costa do país. Resolveu tentar falar por telefone móvel com a sua melhor amiga, Sandra. Pegou no telefone, ansiosa, como se tivesse quinze anos. Com Sandra era sempre assim: ela sentia-se viva como se fosse sempre adolescente.

- Sim, Sandra?

- Oh... Margarida! E mesmo você?...

- Sim, sou!

- Estás no barco?!

- Sim!

- Ah, como está a viagem?!

O diálogo entre duas mulheres cúmplices parece sempre entre duas amigas crianças, com poucos anos de idade: a alegria, os gritos de boa disposição, as conversas cruzadas.

- Estou ansiosa para te contar uma coisa, Sandra!

- Ihhhhhhhhhiii! - do outro lado do telefone, Sandra estava animadíssima!

- Ai, ai, ai... , nem acredita!

- Então, então... Diz, diz, que senão eu rebento!... É... sobre um homem?

- São, não é...

- Ihiiiiiiiiiii! Dois homens?! Menina! A passar fome por aqui e logo, mal chegou ao cruzeiro, logo com dois! : Credo, você não para!

- Espera, espera...

- Dois?

E Margarida começou a contar como havia encontrado um e outro.

- E agora não sei com quem quero jantar no baile...

- Ai, menina! Eu ia jantar com esse pãozão do Frederico!

Meu Deus, pelo que você contou até tenho pena de não o poder abocanhar! Credo!

- Ena! Eu vi primeiro! Além disso...

- Além disso, você já tem mouro na costa... Isto é, no mar...

Amigas há dez anos, estavam habituadas a discutir sobre homens, mas sempre sem interferirem na vida uma da outra. Dinheiro e homens são coisas que estragam qualquer amizade.

- Acho que tem razão - concluiu Sandra. - Acho que tem de ir com o Guilherme. E se o Frederico ficar irritado, melhor... Mas aguçado fica... Mais apaixonado... O sinal de rede estava a diminuir. Margarida saiu da cabine e foi para fora, para o convés, tentar ouvir melhor.

- Sandra? Sandra?... Estou de ouvindo muito mal...

- Sim, estou aqui...

Ouvia-se muito pouco.

- Está-se afastar da costa. Mais depressa, o barco... Já não te ouço bem. Olha: faz o que quiseses! Seja feliz, viva um sonho! Mas eu iria decidia-me pelos dois...

- Grande ajuda! Olha que voc...

A chamada caiu.

De repente, o barco sofre um abanão. Margarida desequilibra-se, e cai sobre um homem que estava sentado numa cadeira ao lado.

- Ai, desculpe... . - lamenta-se ela. O homem, quase um velho, sorriu de uma forma estranha e porca. Margarida ficou assustada. - Foi o barco, este sacudir completou.

- Eu também a sacudia...

Os olhos dele eram sujos, a voz, os dentes... Compôs-se depressa.

Ele agarrou-a no braço.

- Largue-me... O que quer?

- Você... Fizeste de propósito... Vem aqui comigo...

- Deixe-me! Está enganado... Deixe-me!

Margarida estava assustada. O homem queria aproveitar-se dela! Num cruzeiro, que pesadelo! Onde se pensava que estava às

peessoas de uma certa posição, a nata da nata, os românticos, as pessoas delicadas... Um velho, rebarbado!

Margarida sentia o seu sonho a quebrar-se, segundo a segundo. O braço doía-lhe, da pressão do homem.

De repente, ouve-se uma voz.

- Largue-a!

Era Frederico. O homem não perdeu a compostura e perguntou:

- Largo-a por quê? Ela é alguma coisa sua?

- Ela é... . minha namorada. Largue-a imediatamente! O velho continuou a agarrá-la.

Frederico pegou no outro braço de Margarida e atirou o velho para trás. Puxou Margarida com força para ele. O velho caído no chão, olhava para Frederico com ódio.

- Você vai pagar por isto! Vai perder o seu emprego, vai ver.

Isto não fica assim...

Frederico não teve problema em responder. Firme e seguro, mas educado, disse-lhe:

- E o senhor vai já ter uma queixa minha junto do capitão... A querer violar uma senhora! Pode ficar descansado. Margarida chorava.

- Espere Frederico...

- Espera nada. Vem comigo!

Ele a segurou pelo braço.

Ela seguiu com ele até ficarem longe do homem.

- Me solta, agora! Eu sei defender-me!

E deixou-o.

Capítulo IV

Bateram à porta da cabina. Ela olhou para o relógio. Era meia noite e meia. Pela firmeza com que bateram, só podia ser Frederico. Com medo, ainda pensou no velho. Ficou em pânico. Tinha acabado o primeiro dia de cruzeiro fechada no quarto, a chorar, de medo, de tristeza. Uma viagem tão bela, a começar assim!... Sentia-se destroçada. Margarida vestiu um robe e dirigiu-se à porta.

- Quem é?...

- Frederico...

- Passou-se alguma coisa?... Estava a dormir... Não podemos falar amanhã?

- Abre, por favor. Queria falar com você...

Margarida abre a porta. Era uma mulher só e indefesa num cruzeiro. Não devia abrir a porta, ainda mais a um marinheiro experimentado. Decidiu correr o risco.

Frederico estava de fora, com o cabelo desfeito pelo vento, e a luz da lua fazia que seus ombros ficassem mais altos e largos, os traços firmes do rosto mais fortes, o cheiro do seu corpo mais apetitoso e quente.

- Fala Frederico... Está tudo bem?

- Sim... Mas queria pedir-te desculpa por dela segurado... Sabes...

Frederico olhou para o chão. Respirava ansiosamente, nervosamente. Tinha um peso nos olhos. Parecia uma criança grande a pedir desculpa. E as mulheres gostam de ver aquele momento em que os homens parecem de novo ter dezoito anos, em que de protetores passam a desprotegidos, de adultos a crianças.

- Sim, sei o quê...

- Sabe que não é habitual um marinheiro como eu, que vive no mar a maior parte do tempo, ver mulheres. E ainda mais ver uma mulher como você, tão... Tão linda, tão

delicada, tão culta... E tão bela...

- Oh, és um querido...

- E por isso, há pouco, estava tão bela que parecia um sonho. E eu quis segura-lá para ter a certeza de que era verdade... Desculpa... Fui precipitado... Mas não consegui agir de outra forma...

- Não se preocupe...

Margarida tocou-lhe no rosto. De cabeça baixa, ele sorriu para ela. Beijou-lhe a mão, levemente. E Margarida deixou. E deixou depois que os lábios grossos de Frederico percorressem todo o espaço do corpo entre o seu dedo e o seu ombro, acendendo um incêndio de prazer, de êxtase, mas também de entrega deliciosa. Sentia-se mulher nos braços dele. Libertou-se do robe de seda. Estava de camisola perante Frederico. Tocou-lhe no pescoço e puxou-lhe. E subitamente o peito forte, musculoso, poderoso de Frederico estava nu, diante dela. Mordeu-o nos ombros,

nos mamilos, lambeu os pêlos do seu peito. Deixou que as mãos dele a despissem. E, inclinada sobre a mesa do compartimento, deixou que a boca imensa e molhada de Frederico entrasse toda dentro da sua; entregou-se à língua rápida e demorada de Frederico, que a explorava com intenso desejo. Ele fazia-a conhecer um prazer imenso, invulgar, inexcedível, com movimentos rápidos e depois lentos, demorados, como se quisesse enlouquecê-la. Ela levantou-se, depois, tocou no largo e imenso pênis de Frederico. Tocou naquele músculo que estava ereto duro, e sentiu que o desejo os incendiava a ambos. Então Frederico penetrou-a. Margarida sentiu aquele pedaço imenso e forte de carne entrar em si com gosto, fazendo-a esquecer as palavras e os sons. Era apenas uma mulher a receber o símbolo do prazer de um homem.

E ele pegou no rosto de Margarida com

as duas mãos, como se rezasse ou segurasse o mundo, e voltou a beijá-la na boca. Inesperadamente retirou o seu pênis de dentro dela. Mas, em seguida, sentou-a em seu colo, e vê-la entrar pelo seu sexo dentro. Cheia de prazer, Margarida entregava-se completamente a ele. Os movimentos do navio e dos seus corpos eram apenas um. Ela sentia que era um barco no rio do corpo dele, entregue às suas vontades, às menores inclinações e entradas do sexo dele. Solta e sôfrega, abandonava-se ao êxtase. Como nunca antes havia conhecido.

Capítulo V

A manhã, fresca e luminosa, havia acordado Margarida. Um raio de sol havia tocado nos seus ombros nus. Acordara e estava já sozinha. Não estava ninguém com ela. Onde estaria Frederico?

Ficou entregue aos primeiros pensamentos, à recordação do prazer da noite anterior. Frederico tinha a graça e a força que ela sempre havia amado num homem. Mas lembrava-se de Guilherme, que era um homem tão profundo e interior. Como estaria ele? Não o tinha visto desde a tarde... Ele devia com certeza ter ficado preocupado!

Pensou em Guilherme com ternura: com ele, Margarida poderia descobrir o mundo da arte, visitar países, viver cada dia como se fosse o primeiro.

E de repente pensou, aflita: "Hoje é o dia do baile!" E, mais do que o pequeno-almoço,

precisava se arrumar, cuidar de si, chamou imediatamente a costureira do barco. O primeiro problema de um baile é sempre o vestido. Nunca parece haver um vestido apropriado. Quantas mais peças se vêem mais difícil é escolher. A elegância de um baile é tão grande que parece sempre necessário um traje de sonho. É o problema maior dos bailes, pelo menos para uma mulher, facilmente se confunde com um desejo de adolescência, acalentado no peito de uma moça que começa a sentir o seu corpo se transformar em mulher.

A costureira do barco, D. Emília, tentava ajudar Margarida.

- E este verde, minha senhora?...

Margarida, pensativa, não parece convencida.

- Este verde... este verde... Ah, não, fico a parecer uma garrafa!... - Oh, minha senhora!... Que disparate! Uma garrafa. .

Mas desde quando é que pensa nisso?

- Uma garrafa, D. Emília: magra, com pescoço comprido, vestida de verde, o que é que me falta?

- Ó menina!

- Uma garrafa ou uma girafa metida dentro de um vidro!...

- Deixe disto, que disparete! Ora quer parar com isto, tem cada coisa na cabeça!... E este azul?...

- O que é que acha?

Margarida ficou pensativa, perante o vestido.

Era bonito: muito travado e justo na cintura, e depois abrindo, como os vestidos do século XIX, ou dos anos 50. Mas gostava do corpete repleto de tons de azul, que quase parecia cheio de mar. E daquele decote generoso, quase em forma de concha, que a faria parecer uma sereia... Gostou. Pensou nos olhos, no penteado, nos sapatos.

Imaginava tudo, de repente, e sentia-se bela, mulher, cheia de qualidades, de luminosidade e de força.

- É este, não acha D. Emília?

- Acho, sim... Ah, claro que acho minha senhora!... Está linda! Que nem uma princesa!

- Então é mesmo este. Importa-se de arrumá-la, D. Emília?

Pegou num cartãozinho. Havia trazido vários com ela, para ocasiões especiais. Este dizia, no outro lado: "O preço da paixão não tem limite" Era ousado, mas servia! Escreveu um bilhete para Guilherme:

"Guilherme, Como sabe hoje é o baile de abertura do cruzeiro. Queria saber se podia acompanhar-me. Um beijo, Margarida".

E enquanto a costureira acertava o vestido, Margarida olhava para o espelho, e para a janela ao lado, onde se via o mar ao fundo. O seu limite era o mar, descobrir o amor sem fim, o fio do horizonte.

Capítulo VI

A noite caía sobre o cruzeiro. As estrelas iluminavam o convés. Margarida saiu da cabina, pronta. Olhou para o mar, e respirou fundo.

Dirigiu-se depois para a sala de jantar. Havia animação, barulho, o som de vestidos, a música da pequena orquestra. Ouvia-se um piano, violinos, um saxofone. Margarida sentia vida, paixão, romance, furor à sua volta. Ouvia o som dos seus passos no soalho, sentia debaixo dos seus pés o seu poder. Margarida nunca se sentiu assim: parecia que o mar dava uma força e uma sensualidade que ela jamais conhecera. À entrada da sala, estava um jovem marinheiro, de cabelo curto e olhos claros, a marcar as mesas.

- Olá, boa noite!

O rapaz olhou-a e respondeu-lhe de uma

forma profissional, mas mirando-a no fundo dos olhos. E ao dizer-lhe "Boa noite!", estava a dizer-lhe "És linda, tão bonita". E ao perguntar-lhe "Como está?", Margarida o ouvia dizer-lhe "Quem me dera beijar-te".

Sentia a química, perfume como sentia também o vento do mar, a agitação, uma espécie de vida secreta e cheia de frenesi.

- Tenho uma mesa marcada... Cabina 141...

- Ah, sim... É a mesa do fundo... Boa refeição... Os olhos dele despiram-na. Margarida reparou nos lábios grossos e profundos do rapaz, que se abriram lentamente para ela. E em vez de palavras, ela imaginou os lábios dele nos seus seios, numa onda de beijos, carícias, mordidelas.

- Um prazer infinito.

Olhou para a mesa de jantar, procurou concentrar-se. O rapaz deixou-a, não sem olhar para trás. Sentada à mesa do jantar,

Margarida observou o restaurante. Estava cheio. Cheio de mulheres em vestidos exuberantes, vivos, caros, e mesmo as mulheres feias pareciam bonitas, nessa noite; cheio de homens, de todas as idades, com os olhos postos nas mulheres, que, como um dia dentro da noite, abriam os olhos e suscitavam paixão em todos.

Mas sentiu-se, pela primeira vez na vida; bonita como nunca tinha sido. Não "mais bonita do que" qualquer outra ou "a mais bonita"; sentiu-se ela própria, linda. Sem comparação com nada, simplesmente bela.

A sala estava decorada com cortinas compridas, de um vermelho extremamente vivo. Flores amarelas e brancas, em cima das mesas, mais abriam o ambiente de paixão e esplendor daquela noite. Empregados vestidos com calças pretas muito justas e camisas brancas agarradas ao peito reforçavam a sensualidade perturbadora que

em todo o lado se fazia sentir.

Margarida sentou-se à mesa. Depois de olhar para tudo, sentia-se mais luxuriante, ainda. Guilherme iria chegar. Havia resolvido o problema de uma forma inevitável: Frederico tinha de trabalhar, e como tal, não se poderia sentar; e de qualquer maneira, Guilherme estava só, e, portanto precisaria de companhia. E a Margarida também não interessava que ele jantasse com outra pessoa. Coisas de mulher...

Estava no centro da sala. Sabia que conseguia ver e ser vista em todo o lado. Que ninguém tiraria os olhos dela e que, se Frederico passasse por acaso, a veria com Guilherme. Ela queria perceber, pela reação de um ou de outro, o que decidir fazer. Se amava Frederico ou se escolhia Guilherme.

- Boa noite; Margarida...

- Boa noite, Guilherme...

Os olhos dele brilhavam, ao olhá-la.

- Está lindíssima...

- Oh...

- Margarida...

O tom dele era de confissão, de espanto, de excesso.

- Margarida, desde que a conheci que achei que nunca havia visto mulher tão bela no mundo... Mas cada vez que a vejo... Sempre que a vejo me parece mais bela do que a primeira vez. Parece-me a mulher mais bela do mundo, como se estivesse a vencer sempre um concurso de beleza contra você mesmo.

Margarida estava emocionada. Porque sentia a verdade do que ele estava dizendo, sentia a sua voz vibrar, os seus olhos brilharem com a mais pura emoção. Um homem assim, profundo e terno... Que mulher não desejaria tê-lo?

- Obrigada, Guilherme...

Ele sentou-se. Ficou emocionado a olhar

para ela. Estiveram sem conversar uns minutos.

Depois, ele avançou:

- Margarida, eu sei que não me ama. E sei que tem outros pretendentes. Até neste barco...

Margarida ficou espantada. Será que ele havia visto alguma coisa? Mas também, se fora bom, se ela se sentira satisfeita, desejada...

O que iria responder?... Não podia deixar os sentimentos de Guilherme sem resposta, nem se expor demasiado. Qualquer coisa que dissesse poderia ser comprometedora.

- Quem é este homem, Margarida?

Um furacão iria perturbar os seus pensamentos. E tirá-la desta situação, para outra bem pior. Frederico estava de pé, a olhar para Margarida e Guilherme. Aproximava-se deste, com uma cara fechada. Iria haver problemas.

- Este é o Guilherme...

- E quem é o Guilherme?

- O Guilherme está a jantar comigo. Deixe-me em paz, por favor, e vai embora. Eu tenho o direito de ser deixada em paz, não acha?

Guilherme levantou-se.

- O senhor não tem o direito de falar assim com esta senhora!...

- E quem é você para me dizer isso?...

Os dois olharam-se, ameaçadoramente.

- E quem é você para falar assim comigo?! Tudo tinha ficado parado. E tudo agora podia acontecer. O tom de ameaça era forte. Tudo se podia quebrar. Margarida pôs-se entre os dois.

- Desculpem, mas não há por que desta conversa... Eu sou livre de fazer o que quiser... E, sobretudo, não devo explicações a ninguém.

Frederico respondeu, logo, de seguida,

com tom forte:

- O problema não é você... E este homem que olha para você desta maneira, e que fala comigo como se tivesse direitos sobre alguma coisa...

- Meu caro senhor - respondeu um irritado Guilherme.

- Convido-o a sair para conversarmos...

- Tenham calma...

Não foi a tempo: Margarida viu os dois afastarem-se como dois cavalheiros, e saírem da sala. Depois ouviu um barulho. Foi a correr, mas o vestido não ajudava nada. Quando chegou, viu o pobre Guilherme no chão, e Frederico a ir-se embora.

- Guilherme, Guilherme...

-Oh, não foi nada...

- Está muito machucado?

- Não, foi só um soco no queixo... Nada mais. Não havia de fato sangue, só tinha o queixo um pouco esmurrado.

-Oh, querido Guilherme...

Margarida agarrou Guilherme, estendido no chão. Iria ter de falar com Frederico, aquilo não podia ficar assim.

- Eu vou falar com o Frederico! Isto não é assim...

- Tenha calma... Eu e ele resolveremos nossas contas. Ficaram a olhar um para o outro. Guilherme, deitado nas pernas de Margarida, parecia mais terno, até belo, do que nunca. E assim, frágil por causa do murro, Guilherme pareceu tão necessitado e pronto para receber carinho e amor. E a luz da Lua, batendo nos seus olhos, dava a tudo uma sensação de eternidade.

Mas Guilherme olhou-a, fez uma carícia no rosto, e disse, levantando-se:

-Bom, vamos jantar? E dançar? Esta noite tem de ser aproveitada... Uma mulher como você Margarida não pode ficar comigo chorando pelo leite derramado... Isto é, pelo

sangue derramado...

Riram-se ambos, deram o braço e voltaram para o salão de festas.

Capítulo VII

A noite estava a correr maravilhosamente. Margarida havia dançado com Guilherme. Ele, delicadíssimo, segurava seu corpo com ternura. Ela sentia-se apreciada, cuidada, tratada como um ser humano. Quando ele a tocava, ela sentia que era desejada; era como se fosse um cristal nas mãos dele, ou um diamante: era preciosa, bela, polida.

-Você dança tão bem, Guilherme...

- Só danço bem por sua causa...

- Oh, que disparate!... Vai dizer-me que o par é que faz com que uma pessoa dance bem?

- Pois claro...

Ela riu com prazer. Ele sorriu para ela, com os olhos cheios de alegria.

- É como um pintor, Margarida: ele pode pintar bem, mas se a pessoa que ele está a

retratar for bela, o quadro vai ser ainda mais belo. Se a pessoa for feia, será um quadro mais feio... E se houver paixão, entendimento; atração, simpatia... O quadro sai melhor, o artista fica mais aguçado...

- Guilherme parece-me que perceber muito disso...

- Disso o quê? De paixão ou de quadros?...

A gargalhada leve e sensual dela voltou a ouvir-se. Ele ainda sorriu mais.

- De quadros...

- Tem razão, Margarida. Eu sou pintor.

Margarida ficou a olhar para ele, espantada.

- Você é pintor e ainda não me havia dito?

Guilherme parou de dançar. Ficaram no meio da pista, com um sorriso nos lábios.

- E era importante?

Margarida estava a ficar cheia de calor...

O sonho da vida dela, o sonho todo!... Ali, a acontecer! Desde pequena que o sonho da vida dela era casar-se com um pintor! Margarida pensava que só alguém com a sensibilidade e a delicadeza de um pintor poderia perceber os confins da outra pessoa, a sua beleza interior e exterior, a sua personalidade, as dores e alegrias. Mas nunca conhecera nenhum: os homens de Belas-Artes com quem havia cruzado eram demasiados “alternativo”, doidos, e gostavam pouco de se entregar a um relacionamento duradouro.

- É bastante importante...

- Por quê? - perguntou Guilherme, divertido.

Não me vai dizer que quando tinha um ano apareceu à bruxa a dizer que não foi convidada para o seu batizado, e que por isso iria ter de sofrer para sempre assédio de pintores como eu?... voltou a rir. Guilherme reparou que ela tinha um pescoço lindíssimo.

- Não, Guilherme.

Margarida estava sem graça: Mas resolveu contar-lhe. Tenho o sonho, desde criança, de me casar... sendo a mulher de um pintor.

Margarida sentiu como se tivesse dez anos de idade. Ele

olhava-a com ternura, com graça, com sentido protetor e carinhoso. Mas ela estava embaraçada.

- O que foi Guilherme?

Ele continuava a olhá-la, apenas...

- O que foi, diga-me?!

Ele finalmente disse, emocionado, com a voz embargada:

- Você é tão bonita, Margarida. De repente... De repente parecia ter dez anos. Os seus sonhos... A sua sensibilidade... E tão linda, por dentro e por fora...

E, nisto, beijou-a.

A volta deles os casais dançavam uma

valsa de Strauss, cheia de alegria e movimento. E naquela elegância, entre os violinos e os instrumentos de sopro, Margarida sentia que começava com Guilherme uma viagem inesquecível até ao sonho e ao amor... Seria?

Capítulo VIII

O baile terminou. Passearam pelo convés, ele com o braço na cintura dela. Estava bonito, com uma brisa a pentear os cabelos. Margarida gostava dele. Tinha um romantismo que a fazia sentir-se amada, compreendida. Ele podia dar a felicidade.

Mas será que ela queria a felicidade? Será que ela queria a felicidade que ele podia oferecer? Uma felicidade casada, sem a agitação das paixões, sem a sensualidade de se oferecer a outro... Frederico poderia oferecer o contrário: um corpo, prazer, paixão, e aquela instabilidade deliciosa que leva a ter desejos infinitos e muito poderosos. Passeando com ele, no convés banhado pela lua, pensava em tudo isto. Chegou à porta do quarto.

Não iria convidá-lo a entrar. Guilherme era o tipo de homem a quem se abria a porta

do quarto quando algo de mais sério fosse acontecer. Ele era para amar, não para gozar. E tudo era tão claro na cabeça dela! Estava colocada entre duas Hipóteses. Era como se ela própria fosse o navio, e tivesse que escolher a rota do destino.

- Boa noite, Guilherme. Obrigada pela noite maravilhosa.

Ele pegou-lhe na mão e beijou-a. Estava belo e comovido.

Eu é que agradeço Margarida. Você é... Você é a mulher mais deslumbrante que eu conheci.

- Oh, Guilherme!...

- É verdade...

E afastando-se, acenou-lhe.

Margarida fechou a porta da cabina pensando na alegria e na serenidade que Guilherme dava. Mas assim que entrou no quarto, lembrou-se da noite anterior, do corpo vigoroso e quente de Frederico.

Começou a se despi. Vestiu a camisola de seda, deitou-se na cama, sem sapatos, a olhar para o teto, a recordar. Seu corpo começou ficar febril, lembrava-se do prazer. De repente, no teto, começou a ver pingar. Um pingo, dois, três. No chão estava já uma poça de água. "Uma infiltração" pensou. Ligou para o serviço permanente.

- Boa noite, é do serviço permanente?

- Sim, boa noite. Em que posso ajudá-la?

- É da cabina 141... Tenho um problema de infiltrações,

- Infiltrações? Em que zona da cabina?

- No teto. Está a pingar cada vez mais...

- vamos imediatamente mandar alguém para tratar disso.

- E é grave?... É que estou preocupada... Afinal, estamos num barco...

- Ah, não se preocupe!... Se fosse grave, seria no casco!

- Não tem problema, vamos já!

- Muito obrigada!

- Eu que devo agradecer, e boa noite!

Desligou o telefone, e ficou a recordar-se da noite anterior.

Tinha Frederico constantemente no seu espírito. Como ele a beijava no pescoço, a fazia sentir prazeres secretos e fortes com uma intensidade sem limites, como ele a apertava para subir por dentro dela. Queria mudar de idéia, mas apenas pensava na virilidade máscula, forte, quase brusca como ele a envolvia, na imaginação dele ao fazerem amor, de todas as maneiras, de todas as formas, com prazer e intenso romantismo. Frederico parecia o homem certo para amar o corpo dela, para fazê-la ser feliz com ela própria, no seu corpo, como nunca ninguém havia conseguido. Neste momento, ela desejava-o de novo. Com uma intensidade terrível.

Dois minutos após desligar o telefone,

Margarida sente baterem à porta. Foi a correr abrir.

- Boa noite... Venho ver o que se passa...

Margarida não queria acreditar. Era Frederico.

- Frederico... Você aqui?

- Sim... eu trabalho aqui, não se lembra?...

Ela sorriu.

- Claro, desculpa...

- E este é um dos meus serviços... - completou o rapaz.

- Mas quero que vá embora, Frederico, e imediatamente... Depois do que você fez não o quero ver...

Ele sorriu trocista.

- E vai ficar com esta poça de água no chão...

- Prefiro.

- E com esse desejo que sente por mim a pôr-te febril toda a noite?...

Ela corou, ficou sem palavras. Ele era

atrevido, mas estava com a razão, pensou ela.

"Estúpido!" Fez-se de forte.

- Sai imediatamente.

Fez efeito. Ele pôs um ar sério.

- Pronto. Eu vou arranjar isto e depois amanhã falamos. Pode ser?

- Está bem.

Frederico olhou para o teto. Foi buscar uma escada.

Depois de observar, disse:

- Tem uma falha no teto. Deve ser uma conduta interna de água. Não há maneira de resolver agora. Tem de se reparar com um remendo... Pode demorar um dia... E mais a cola, que tem de secar...

- E agora?... O que faço?

- Tem de dormir em outra cabina, hoje. Pelo menos. Ela olhou para ele, em cima da escada, a consertar o teto. Notou as suas calças justas nas pernas altas e fortes de marinheiro. O seu desejo cresceu.

Frederico desceu da escada.

- E agora? O que vai fazer?

- Não sei...

A proximidade dele punha-a excitada. Frederico estava a três palmos de distância e Margarida sentia o coração dele bater e a rebentar de desejo por ela.

- Podes vir para a minha cabina... Quer dizer. Eu durmo no chão...

Ela sorriu. A idéia agradava. Mas teria de fazer-se forte, e dizer que não.

- Eu vou falar com os responsáveis e saber se há outra.

Não agüentou, e beijou-o; sentiu-se derreter nos lábios dele, fortes e intensos. Os braços dele tomaram-na, ela sentiu-se apertada pela força dele, pelos seus músculos vigorosos. Sentiu-se desfalecer, viva, completa, explodindo de prazer e de desejo.

- Frederico...

Ele beijou-a no pescoço. As mãos dele

tiraram o robe de seda. A boca dele mordida seus ombros, descia até aos seios, que punha completamente na boca. Margarida despiu-o, rasgou-lhe a camisa com agressividade, fez descer a mão até seu traseiro escultural, delineado, de Frederico, e sentiu músculos e carne na sua posse. Ele, mais excitado ainda, beijava-a com rapidez e ansiedade na boca. Margarida soltou um grito de prazer. Deitados no chão, junto à poça de água, os dois corpos são um só, a navegar.

Capítulo IX

Na manhã seguinte, Guilherme estava sentado em frente do mar, no convés. Tinha uma camisa branca de linho, que abria o peito moreno, recheado de pêlos másculos e castanhos. Na cabeça, um pequeno chapéu de palha protegia-o do sol da manhã, calças brancas de algodão completavam o retrato. Foi assim que Margarida, vinda do quarto de Frederico, o encontrou.

- Bom dia, Guilherme!

Ele voltou-se para trás. Assim que percebeu que era Margarida, sorriu com imensa felicidade.

- Margarida!... Que bom vê-la!

Ela sentou-se ao lado dele.

"Está tão belo", pensou com ela mesma.

- Dormiu bem, Guilherme?

- Sim, e você Margarida?

Ela ficou sem saber o que dizer...

- Sim, dormi...

Ficaram a olhar a manhã que atravessava perante eles. Estar no mar, só vendo mar diante dos olhos, era estranho e perigoso. Mas estava já a tornar-se maçador, cansativo. Ela sentia-se a navegar entre aqueles dois homens... Teria de acontecer alguma coisa, e rapidamente.

Foi maravilhoso estar com você ontem. Você é uma mulher extraordinária...

- Obrigada. Você que é maravilhoso, Guilherme.

O empregado veio trazer um sumo. Os dois bebiam quando Margarida começou a sentir-se observada. Olhou para todos os lados. De repente percebeu que no outro canto do barco estava alguém de binóculos a observá-la. De binóculos!

- Espere um momento, Guilherme.

Levantou-se, irritada, e foi em direção ao homem. Era o de ontem. Ao perceber que ela

estava se aproximando, começou a fingir e a olhar para outro lado.

- Começo a ficar cansada, farta das suas brincadeiras, caro senhor.

Lentamente, Margarida pegou nos binóculos do homem e atirou-os ao mar.

- A senhora está louca...

- Estou lúcida, seu velho animalesco.

Dando-lhe um sonoro tapa na cara, virou de costas e partiu.

- O que aconteceu, Margarida? - perguntou Guilherme, levantando-se da cadeira, com assombro.

- Fui ajustar contas com aquele senhor. E aonde íamos?

Guilherme riu.

Começaram a conversar.

- E você Guilherme está aqui sozinho por quê?

- Sozinho? Como assim?... Então não estou aqui com você?...

- Tonto... Não fuja à conversa...

- Estou aqui com você. Desde que a vi percebi que não estou só...

Um silêncio, belo, mas terrível, caiu sobre ambos. Ela interrompeu-o logo:

- Não seja querido demais. Responda-me.

Guilherme fez um silêncio. Respirou fundo.

- Sabe Margarida... Muitas vezes somos infelizes. Eu tenho conhecido muitas mulheres. Elas têm sido uma desilusão da minha vida. Uma desilusão perfeita. Sabe, é como se encontrasse o modelo perfeito da mulher - a que se gosta de pintar num quadro e numa alma -, mas depois se perde. Depois se perde tudo...

Guilherme estava a ficar emocionado.

- Mas acabou. A vida é mesmo assim. Quando me apaixonei pela última vez, e pela última vez a mulher de que gostei me deixou e trocou por outro, deixando fora o meu

amor, eu desisti. E acontece sempre...

Ele fez uma pausa. Margarida interveio:

- Diga, diga. Fale, deixe o seu coração falar...

- E. acontece sempre quando eu começo a apaixonar-me, Enquanto estou a pensar na mulher que amo, começo a pintar o quadro dela. Quando o quadro está terminado; ela deixa-me. A minha casa está cheia de quadros acabados de mulheres lindíssimas que eu não consigo mais olhar.

Ela ficou em silêncio. Perante esta história triste, que fazia luz sobre a vida cheia de beleza, mas vazia de afeto, de Guilherme, Margarida limitou-se a dar-lhe a mão sem dizer uma palavra. Em frente do mar, com o vento a passear entre ambos.

Capítulo X

Passaram uma tarde divertida e quente diante do mar. Chegou à noite. Era hora de

mudar de roupa para o jantar.

- Tenho de ir mudar de roupa, Guilherme... Logo iremos nos encontrar...

- Oh, nem pense! - disse Guilherme. Eu irei levá-la até a porta da cabina...

Margarida gelou de pânico. À cabina?... Mas ela não tinha cabina própria... Ou já estaria arranjada? Não sabia de nada... Teria de ir ver agora... Mas Guilherme não podia, nem pensar, ir lá ter com ela... Como é que depois iria explicava que teve que dormir na cabina de Frederico?! Tinha de usar todo o seu charme...

- Você é um amor, mas uma senhora entra sozinha e sai sozinha nos seus aposentos, Guilherme...

- Pois claro que sim, Margarida... Mas eu quero apenas levá-la à porta.

- Agradeço... Mas não é preciso.

Beijou-o no rosto, com delicadeza.

- Obrigada pela tarde maravilhosa que

passamos juntos.

Afastou-se dele. Olhou para trás, enquanto andava, e Guilherme, de calças de algodão e chapéu de palha, pareceu belo como um príncipe.

Respirou fundo, e chegou rapidamente à sua cabina. A porta estava entreaberta. Margarida teve um péssimo pressentimento, lembrando-se do velho tarado. Mas espreitou para dentro, com confiança. Não estava ninguém.

O teto estava já reparado, e o capitão havia deixado flores com um bilhete: "Aceite as desculpas da tripulação do Cruzeiro Passion, com os votos de excelente viagem" Bateram inesperadamente à porta entreaberta.

- Sou eu... Já está tudo bem, vê?...

O marinheiro estava com o cabelo úmido a caindo pela testa. Estava fresco e molhado. Margarida sentiu um arrepio na espinha.

- Já vi Frederico. Obrigada por tudo.

- Posso entrar?... Não há vi o dia todo...

Margarida não sabia o que fazer. O corpo dele era uma tentação, ela queria tê-lo, agarrá-lo, descansar nele e cansar-se nele; mas também queria tê-lo longe, à distância. Gostava era de estar com Guilherme; era ele o homem para ela. Frederico resumia ser mais um corpo, mais uma experiência, mais uma passagem.

- É melhor não, Frederico...

- Vá, deixa-me entrar.

- O que se passa aqui, Margarida?...

Era Guilherme. O pior estava a acontecer... Os dois juntos... Guilherme iria saber tudo... Encontraram-se à porta do quarto.

- O que é que você está fazendo aqui?... - o tom de voz de Guilherme era agressivo, forte. Impunha respeito.

- Eu vim ver se esta tudo funcionando...

- O que é que está funcionando?!... Não percebe que a senhora não quer nada com você... E que quer que a deixe em paz?! Ainda não percebeu isso, seu atrasado?

- Quem é que é atrasado?..

- Calma... Não vão brigar outra vez, não?!
A voz de Margarida tentou separá-los.

- Eu já dei um murro a mais do que devia... Parece-me que o senhor é que ainda tem muito que aprender...

- Pelos vistos tem é um murro a menos, o boneco de verga...

- Chega!

A voz da moça os calou.

- Entrem os dois imediatamente aqui dentro e conversem um com o outro. São dois homens maduros e adultos. E antes de mais e, além disso, nenhum de vocês é meu dono, meu marido ou meu namorado. Façam favor de se entender, saindo, bateu com a porta.

“Vou dar uma volta pelo convés”. Cinco

minutos deve ser suficiente para que eles se entendam. "Pensou para si.

Assim fez: foi andando calmamente, deixando o vento passear - pelo vestido, navegar entre as pernas e braços, como uma forte e lenta carícia. O sol estava mesmo a pôr-se ao fundo do horizonte. Tudo era tão bonito e calmo. Estava pensativa sobre o que os dois homens podiam estar fazendo, mas não havia alternativa, se Guilherme não percebesse que ela era humana, e tinha desejos e pulsões, e que por isso dormiu com Frederico, então também não seria o homem certo.

O homem da sua vida merecia um amor sem limites, mas havia de ser compreensivo, humano, e perceber as coisas pelas quais é necessário passar.

Voltou à cabina. Rodou a maçaneta da porta.

- Então, espero que esteja...

Margarida não conseguia acreditar no que os seus olhos

estavam vendo. Ficou sem sangue no corpo. Fechou a porta, bruscamente. Precisava apanhar ar.

Eles estavam um nos braços do outro; com as bocas uma dentro da outra, violentamente, Guilherme e Frederico estavam se beijando.

Capítulo XI

Margarida estava chocada, encostada á porta. Eles teriam ouvido-a entrar? Será que deram conta do que ela acabava de ver?

Esperou alguns segundos, que pareceram anos. Esperou e nada. Voltou a entreabrir a porta.

Guilherme beijava o pescoço de Frederico. As camisas de ambos repousavam no chão, e o marinheiro estava com as calças desapertadas.

Margarida estava chocada, mas sentia um estranho prazer, um fascínio terrível por ver aqueles dois homens se beijando. Eles pareciam estar noutro mundo. Ela resolveu entrar, sentar-se. Margarida não sabia se eles percebiam que ela estava ali; sentia-se transportada para outro planeta, e custava perceber se o que estava acontecendo era real. Ficou parada observando.

A respiração ofegante, os pequenos gemidos de prazer dos dois homens, enchiam-na de excitação. Guilherme despiu o marinheiro, e deitava-o na cama. Os dois, apenas de boxers, beijavam-se violentamente. As suas bocas colavam-se, penetravam uma na outra, em movimentos densos e fortes. As línguas moviam-se, os corpos suavavam musculosos e viris. Depois Guilherme tocou no pênis forte e grande de Frederico, e começou a acariciá-lo. O marinheiro abriu os olhos.

- Margarida, Margarida...

A Moça fechou os olhos. E num momento de loucura, despiu-se e foi, com uma pressa e uma rapidez absolutas, deitar-se ao lado de Frederico. Beijavam-se, enquanto Guilherme acariciava o rapaz. Depois Guilherme beijou-a, ao mesmo tempo em que Frederico pegava no sexo másculo e intenso do pintor. Margarida sentia-se explodir de prazer, numa

sensualidade completa que nunca experimentara. E depois Frederico sentou-a, nua, nas suas pernas, e penetrou-a. Guilherme beijava-a, acariciava os seios. E deitando-a sobre o marinheiro, encostou todo o seu corpo ao dela, depois a beijou dos pés à cabeça.

Durante duas horas, o prazer tocou aqueles três seres. Sem palavras, no meio do mar, atingiam a perfeição.

Margarida sentiu o sol bater em seus olhos. Era de manhã. A seu lado, estava apenas Guilherme. Observou-o, sem palavras, tocou-lhe no peito nu. À luz bela da manhã, ambos abraçam-se, colam as bocas uma à outra com ternura imensa, e como se estivessem sob o calor do deserto, os lençóis para o chão, as línguas rasgam mais e mais, a carne, os dedos, os seios de Margarida entre os lábios quentes e ternos de Guilherme, os braços fortes a envolverem-na toda,

completamente. E depois de todo aquele prazer, estranha, misteriosa, ela acordar com o que apenas queria amar, a penetrá-la delicadamente, gemendo com o mais inesperado prazer. Penetrava-a como se a pintasse, como se fizesse de novo o corpo dela. Margarida estava tensa de prazer, e apesar de cansada da noite anterior, o seu corpo redescobriu o êxtase.

Depois, deitada na cama com Guilherme ao seu lado, trocando carícias, Margarida adormeceu envolta em luz e prazer.

Não sabe quanto tempo depois acordou. Só se lembra, agora, de um barulho imenso e Sentiu tudo parar. Foram o ruído das pessoas e o susto que a despertaram. Deviam ser onze da manhã. Não havia ninguém no quarto. Uma sirene começou a tocar, violentamente. Margarida levantou-se, assustada. Estava certamente acontecendo alguma coisa.

Ao fundo, pareceu ouvir vozes alteradas.

Foi correndo segurando-se à última esperança.

- Socorro!... Por favor!... Estão me ouvindo?! Ajudem-me!... Margarida corria desesperadamente, mas não voltou a ouvir as vozes. Não sabia de onde vinham... Estaria mesmo ouvido? Estaria ficando louca? Sentou-se a chorar... Tudo tinha acabado. Era o fim da sua vida, daquele cruzeiro, de tantos sonhos. Estava desesperada. Como é que aquilo havia acontecido? Ouviu vozes de novo. Levantou-se bruscamente - Uuuhhuu! Aqui! Aqui! Estão a me ouvindo?! Ajudem-me!...

Saiu correndo, disparada. E o pior possível estava a acontecer. O pior! O cruzeiro Passion, um barco enorme e habituado a tantas viagens, estava a afundar-se! As pessoas estavam histéricas, saltavam de um lado para o outro. Margarida não sabia o que fazer... Foi ao quarto buscar a

carteira, com os seus documentos, telefone móvel e identificação, e quis saltar para o primeiro bote salva - vidas. Na confusão, ouvia-se o capitão nos auto falantes: "A situação está descontrolada, mas já chamamos os barcos de apoio. Dentro de 15 minutos estarão aqui. Por favor, não saiam dos botes" Margarida conseguiu saltar para o bote. Ao fundo viu Guilherme no convés.

- Guilherme! Guilherme! Aqui!...

Margarida acenava. Estavam ainda poucas pessoas no pequeno barco. Ele cabia. Mas o barulho, a confusão; eram enormes... Ele não estava ouvindo-a... Ela acenou mais. Finalmente, Guilherme viu-a. O pintor saltou, rapidamente. Faltava agora apenas Frederico. Onde estaria?

- Sabe do Frederico?... - perguntou Guilherme.

- Não...

E ao fundo do barco, na zona que

começava a destruir-se, Margarida vislumbra Frederico, com uma criança nos braços. O rapaz agarrava o bebê junto a si, por entre os tetos do barco que caíam.

- Frederico!

Os dois chamavam pelo marinheiro. Ele debatia-se entre as pessoas, o choro da criança de colo, os obstáculos. Chegou, finalmente, ao convés. Olhou em volta. Uma mulher, chorosa, apareceu. Era a mãe da criança. Frederico sentou-a num dos botes. Margarida e Guilherme chamavam por ele. Houve um terrível movimento no barco e começou a afundar. O navio estava a voltar-se.

Salta Frederico, salta!...

O marinheiro caiu à água. Os braços dos colegas e a mão de Margarida trouxeram-no à superfície.

- Estas a salvo!

Ela segurou o corpo do rapaz, que sorriu

exausto e arquejante, no fundo do bote.

- Depressa, depressa, para ali.

Um marinheiro ia dispondo as pessoas em outros salva-vidas. Como aquele bote era bastante pequeno, o marinheiro recomendou:

- É melhor que fiquem apenas os três. Vão diante naquela direção. Devemos estar próximos da costa da Itália. Os barcos já iram começar a seguir. E a ajuda não deve tardar, e virá daquela direção. Os dois homens pegaram nos remos. Atrás deles, alguns outros pequenos botes começaram a formar-se.

- Vamos remando Guilherme. Vá, força...

Mas o homem ficava parado.

- Guilherme, o que se passa?...

- É que...

Depois de uma pausa, o pintor, muito comovido, retomou:

- É que o quadro da Margarida, que eu havia começado a pintar, ficou no barco. Vai

desaparecer para sempre. Margarida sorriu.

- É o fim dessa situação negra na sua vida. A partir de agora, quem pintar será seu.

E continuaram a remar, enquanto a noite caía. O vento levantava-se. Não conseguiam ver os barcos que ficavam para trás.

- Tem a certeza de que estamos indo bem?... - perguntou Margarida, ansiosa, voltando os olhos para Frederico.

- Estamos indo bem, sim... Mas estou estranhando é não vim a ajudar. Já andamos tanto e ainda não chegou nenhuma ajuda...

- Estou cansada, cansada... Isto é terrível... Não iremos morrer?!... - Margarida começou a lacrimejar. Chorou nos braços de Frederico, tanto, tanto. O fim de tanta beleza, daquele cruzeiro, da perfeição, parecia aproximar se. Estavam com frio no meio do nada... Cada vez mais afastados dos outros... Quem diria que estavam bem? Quem saberia se iriam, ou não, morrer?

- Estou tão cansado, também - Guilherme remava, ciclicamente, sem pensar em mais nada.

- Vamos, continuem... Força.

- E os outros, os outros?

- Estão ficando para trás...

A noite descia gelada. Os outros barcos já não se viam, nem o cruzeiro.

- Não se vê nada... Para onde estamos a ir?...

- Tenha calma, Margarida - disse Frederico, que parecia sereno e descansado no meio daquela ansiedade. - Estamos a ir na direção da costa.

Mas o silêncio, o frio, a falta de luz, a dúvida começavam preocupá-lo, também a ele. Até que, de repente: Estão vendo? Ali ao fundo?

O quê? O quê?...

Terra!

Terra?! Mas é uma ilha!

Desde quando há ilhas no Mediterrâneo?
- perguntou Margarida.

- Não é uma ilha... É um rochedo grande.
Deve ser uma gruta perto da costa da Itália.
Vamos desembarcar.

Remaram, cheios de energia. Chegaram rapidamente à pequena praia, e caíram do barco para a areia.

- Não há aqui nada, nem ninguém...

- Sim; é um rochedo, só...

Vamos mandar um foguete, para que nos vejam. Frederico foi até ao barco e atirou ao ar um foguete de reconhecimento, para ver se alguém dava por eles. Ninguém respondeu.

- Vamos ficar aqui. Vão ver o barco e vem-nos buscar. Se dormíssemos? Amanhã com luz pensamos no que fazer: Por agora não parece sensato corrermos perigos.

Deitaram-se juntos, cobrindo-se com o único cobertor que vinha no fundo do bote.

Margarida acordou com a luz do sol

matinal. Não viu nenhum dos homens. Levantou-se. O pequeno barco estava lá em baixo. Só havia rochas à volta, na pequeníssima ilha. Acima havia algumas árvores. Eles deveriam ter ido procurar alimento:

- Guilherme?!... Frederico!... Guilherme!...

Margarida chamava, mas não os encontrava. Foi subindo calmamente a encosta, com cuidado. Depois de muito esforço, subiu em cima da rocha.

Estavam ambos de torso nu. Havia feito uma pequena fogueira, com alguns pedaços de madeira do barco, e haviam colocado muitos foguetes de alerta. Iam de certeza fazê-los explodir brevemente. Mas estavam olhando um para o outro, de mão dada.

- Bom dia, meninos!... O que estão fazendo?...

Os dois compuseram-se.

- Montando um fogo de artifício para que

venham nos buscar...

- E a olharem um para o outro, também.

Eles olharam para o chão, quase ao mesmo tempo.

- Devíamos conversar meninos.

- Sim.

Guilherme sentou-se perto dela, e Frederico, menos à vontade, olhava em volta.

- Margarida, o Frederico e eu estamos apaixonados...

- Por mim, eu sei...

- Não, Margarida...

- Estamos apaixonados um pelo outro... Isto é uma coisa nova, para nós. Mas é algo muito forte...

Ela não acreditava no que estava a ouvir...

- E vamos querer ficar juntos...

Margarida levantou-se, de repente. Ficou a olhar o mar, tentando ganhar forças para responder.

- Olhem, ali!

Frederico apontava para longe.

- É um barco, um barco!

Era um barco de patrulha da Marinha. Começaram a acenar. Frederico foi depressa acender a fogueira, para os foguetes dispararem. Em dois minutos o céu enchia-se de projeteis de sinalização.

O barco da Marinha viu-os e logo chegou à praia. Eles entraram os três. Frederico explicou tudo imediatamente aos oficiais.

- Tiveram sorte! E força! Mas estavam apenas a 10 quilômetros da costa!...

- E as pessoas do barco? - perguntou Margarida, olhando o jovem oficial de olhos azuis e cabelo ruivo que a mirava, comovido e terno.

- Está tudo bem. Só o barco é que...

Sentaram-se. Margarida ficou ao lado do oficial. Sentiu o cheiro do corpo dele misturado com o perfume. E sem saber como

nem por que, sentiu uma força e uma confiança, um desejo e uma intensidade imensos.

- Posso tomar conta de você, menina? Isto é, até chegarmos a terra?

Margarida sorriu. Afinal era aquela a viagem, inesperada, súbita, onde iria encontrar o seu grande amor.

FIM